

A DIMENSÃO SOCIOAMBIENTAL NO ESPAÇO URBANO

ALTEMAR AMARAL ROCHA

Prof. Geografia DG-UESB

Pesquisador DG-UESB

altemarrocha@gmail.com

RESUMO

O estudo da problemática ambiental urbana deve se levado em consideração na análise do espaço urbano, sobretudo em relação ao estudo de medias e pequenas cidades, enfocando-se a relação entre o desenvolvimento e o processo de urbanização. Muitas são as possibilidades de análises a serem realizadas sobre o ambiente urbano. Neste trabalho, objetivou-se dimensionar teoricamente a produção do espaço urbano, levando-se em consideração as questões sócio-ambientais, a relação urbano-rural e os problemas ambientais decorrentes do processo de urbanização na cidade de Vitória da Conquista-Ba, e as conseqüências desse processo nas nascentes e mananciais que fazem parte da bacia do Rio Verruga ao qual se deu o desenvolvimento da cidade. Foi feito um zoneamento das atividades urbanas desenvolvidas no entorno das áreas de bacia e microbacias hidrográficas com um mapeamento das nascentes e mananciais no perímetro urbano que evidencia a drenagem e os problemas decorrentes, além da elaboração do mapa geoambiental e do uso do solo que, serviu como base para sintetizar os impactos diagnosticados, foi feito um estudo da estrutura geoambiental do lugar, e a avaliação da capacidade de drenagem das bacias hidrográficas.

A DIMENSÃO SOCIOAMBIENTAL NO ESPAÇO URBANO

ALTEMAR AMARAL ROCHA

Prof. Geografia-DG-UESB
Analista Universitário DG-UESB
altemarrocha@gmail.com

INTRODUÇÃO

O estudo da problemática ambiental urbana constitui-se uma tendência e, ainda não está devidamente enfocada na relação entre o desenvolvimento da produção e o processo de urbanização. Muitas são as possibilidades de análises a serem realizadas sobre o ambiente urbano. No entanto, um estudo mais sistematizado pode ser incorporado ao processo de compreensão da dinâmica urbana que, cada vez mais cria a escassez, diminuindo a biodiversidade empobrecendo o ambiente.

Uma das tendências dessa dimensão é o diagnóstico dos problemas ambientais decorrentes do processo de urbanização. É o caso do estudo implementado na cidade de Vitória da Conquista-Ba, que analisa as consequências desse processo nas nascentes e mananciais localizados no espaço urbano da Cidade. Para esse tipo de estudo, uma das formas de esquematização metodológica é o zoneamento das atividades e dos atores que atuam no entorno das nascentes e mananciais, expandindo essa análise para todo o espaço urbano.

Na definição dos aspectos mais relevantes, segue-se o mapeamento das nascentes e mananciais no perímetro urbano que evidencia a drenagem e os problemas decorrentes, além da elaboração do mapa geoambiental e do uso do solo. Todo esse material funciona como base para sintetizar os impactos diagnosticados tais como: destruição dos mananciais

superficiais da bacia na área urbana; aterro de parte das margens do rio principal e seus afluentes, aterro das lagoas que formam as nascentes, aterro das planícies de inundação, entre outros.

Segundo Sposito (2003), o espaço topográfico da cidade, deve ser visto à luz de sua formação geológica, de conjunto de condições geomorfológicas, no contexto da bacia ou das bacias hidrográficas que desenham a topografia. Além disso, uma análise da estrutura topográfica do lugar, e a avaliação da capacidade de drenagem da bacia hidrográfica, é importante na medida em que busca-se o estudo integrado do ambiente, priorizando a bacia hidrográfica como estrutura para a integração dos componentes da análise, os quais, são subsidiadas por mapas temáticos sobre a problemática geoambiental urbana, sobre o uso do solo próximo às nascentes e mananciais da área urbana e os limites da bacia hidrográfica.

Pressupostos da análise sócioambiental em área urbana

A sociedade atual revela-se como uma sociedade urbana, real, concreta e virtual. Concreta e real na medida em que revela uma cotidianidade materializada numa geometria singular e particular, que corresponde ao *lugar*. Virtual porque está permeada por um fator universalizante, mediatizada por sistemas de simbólicos da linguagem e do modo de produção. Na visão de Sposito (2003), uma primeira perspectiva de análise pode ser a compreensão do que seja o ambiental nas cidades. Pois na maioria das vezes confunde-se o ambiental com o natural, sem levar em conta o social que permeia a questão ambiental.

As paisagens urbanas escondem lugares. Os guetos e favelas desenvolvem-se em tal grau de isolamento que podem se constituir uma unidade de contradição, desenvolvendo um modo de vida bastante independente. Esses lugares são paisagens urbanas indesejáveis do ponto de vista do capitalismo, mas é a condição da contradição que sustenta o próprio modo de produção.

Em sua maioria, tais lugares são os que espacialmente falando, estão localizados em áreas de alto grau de fragilidade ambiental quer seja nas encostas, ou nas planícies de inundação. O fato é que a cidade, “resultado maior da capacidade social de transformar o espaço natural, não deixa, em função disso, de ser parte desse espaço e de estar submetida às dinâmicas e processos da natureza” (SPOSITO, 2003, p. 295).

Pode-se dizer que, o espaço das cidades deve ser hoje, mais do que nunca, o alvo por excelência da pesquisa geográfica e da análise sócioambiental, mas não sob o ponto de vista apenas do ecologismo, como afirma Seabra (2003), a sociedade mobiliza-se na atualidade muito mais conforme os impulsos e demandas do movimento ecológico, naturalizando o processo social.

A mancha urbana (Carlos, 2004) é a imagem refletida de um todo complexo formado por realidades diametralmente opostas, absorvendo a dimensão social e a da natureza. O gênero de vida urbano aglutina na imagem uma constelação de lugares singulares que, por mais distantes espaço-temporalmente estejam, parecem coexistir na imagem.

O estudo das cidades permite compreender, em escala local, a natureza complexa do mundo moderno. O urbano é a síntese do global. Equivale a um espelho e uma projeção de uma realidade mundial homogeneizada pela produção e pelo consumo e, materializada no espaço da cidade por meio dos fluxos. Essa circulação conecta a cidade com o mundo. Permite estabelecer um elo dentro de uma rede virtual fazendo surgir deste processo a metrópole e, evoluindo o cidadão à condição de cosmopolita. Pois, “a natureza ou naturalidade do mundo cósmico, dádiva, entra na história humana pela sua geografia”, Seabra (2003 p. 311).

A imagem da cidade e seus aspectos geoambientais, precisam ser decifrados pelo geógrafo. O urbano deve ser encarado na análise geográfica enquanto sistema ilusório de sobreposições infinitas de imagens. Ilusório porque a realidade urbana não existe como tal, existem apenas correlações. (LEFEBVRE, 2006 p. 38).

Essas sobreposições criam as condições de isolamento e, ao mesmo tempo, mascaram as discontinuidades espaço-tempo que separam as paisagens urbanas. Para o geógrafo, às vezes, um bairro pode esconder várias células espaço-temporais. Por outro lado, uma pequena cidade do interior pode apresentar características homogêneas suficientes para ser caracterizado com um único bloco espaço-tempo. Neste sentido:

O ambiental como resultado das relações entre o natural e o social deve ser visto como de resto tudo mais, a partir da dimensão temporal. Trata-se neste caso, das formas como se articulam ou entram em contradição duas escalas temporais – a da natureza e a da sociedade. (SPOSITO, 2003, P.295).

A materialização dos eventos sociais num determinado ponto da superfície pode ser entendida em termos de produção e de reprodução espacial, levando em consideração a

análise das relações sociais com a natureza, sendo impulsionada pelo modo de produção vigente. Percebe-se que o ritmo de transformação da natureza pelas causas ditas naturais, é diferenciado do ritmo de produção e reprodução implementado pela sociedade, sobretudo no modo de produção capitalista, que tem como base o estímulo à produtividade e a exploração da natureza transformada em recursos para o desenvolvimento das forças produtivas e da sociedade como um todo.

A produção do espaço, configuração territorial e paisagem no mundo urbano e rural.

O espaço rural, de certa forma, é o espaço de resistência ao projeto de globalização da cultura. Percebe-se, no entanto, que nas últimas décadas, este meio converte-se gradativamente em “espaço urbano potencial” (LEFEBVRE, 2006). Destituído do elemento humano que, quando não migra para as cidades, aglutina-se em povoados (estágios iniciais do urbano). Consolida-se na análise geográfica uma perspectiva de futuro urbano. Esta perspectiva posiciona a discussão teórica sobre as cidades e sobre a tensão cidade/campo dentre as temáticas mais interessantes da atualidade.

O enfoque rural e urbano e, por decorrência, o rurbano, leva em consideração a organização do território em subespaços articulados, tanto entre si como inseridos numa lógica global. Para dar conta desses conceitos, propõe-se buscar distintas matrizes teóricas que vêm tratando da análise do urbano, do rural e sobre as relações entre ambos e as novas configurações/determinações decorrentes.

Lefebvre (2006) propõe uma abordagem política da questão urbana cujos preceitos vão desembocar nos anos de 1980, como base teórica para estudar sobre as contradições urbanas e os movimentos sociais urbanos. Essa abordagem influenciou sobremaneira o pensamento dos geógrafos a partir da segunda metade do século XX, pela forma como tratou da questão espacial, ultrapassando o plano dos conteúdos para colocá-la na perspectiva de um entendimento que envolve a lógica da forma e a dialética dos conteúdos.

Para Lefebvre o urbano não se constitui como um sistema por ser “sócio-lógico”; não se define suficientemente pela função ou pela estrutura e, ao eleger a forma como elemento de abordagem, o faz na perspectiva de que seja considerada a questão da circulação e da centralidade; assim, para o autor, “a cidade atrai para si tudo o que nasce, da natureza e do

trabalho, noutros lugares: frutos e objetos, produtos e produtores, obras e criações, atividades e situações”. Lefebvre (1981.p.111). Trata a ruralidade, o campo, como o lugar de produção e de obras; a vida urbana, como forma de mediação simbólica ou de representações entre cidade e campo; e os tecidos urbanos, constituídos por diferentes malhas/redes são possibilidades de superação da tradicional oposição cidade campo.

Em se tratando da configuração territorial, evidenciam-se diversas abordagens. No dizer de Milton Santos (1997), a configuração territorial é o território e mais o conjunto de objetos existentes sobre ele; seja qual for o país e o estágio do seu desenvolvimento, há sempre nele uma configuração territorial formada.

Já Raffestin (1993), não tem dúvida de que os geógrafos vêm confundindo território com espaço. Para ele, apenas quando os “atores” se apropriam de um espaço é que este se torna território, ou seja, territorializam o espaço. Neste sentido, ocorre a territorialidade que é multidimensional já que o espaço é a forma das coisas. Assim, o território se forma a partir do espaço, pois a dimensão espacial é anterior à territorial.

Lefebvre (2004) demonstra isso muito bem quando analisa a transformação do espaço pelos circuitos e fluxos que instalam tais como: rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e industriais etc., o território nessa perspectiva é um espaço onde se projetou uma sociedade movida pelo trabalho. É neste contexto que podemos analisar a dinâmica interna das formações territoriais locais ou mesmo nacional.

A análise da configuração territorial e da dinâmica espacial exige para seu eficiente desenvolvimento, algumas considerações teórico-conceituais, primando por uma metodologia e a relevância estrutural do tema. Na análise da cidade de Vitória da Conquista e o modo como ela foi se consolidando territorialmente, parte-se da dinâmica espacial materializada, o como ela insere-se nas novas condições das relações sociais, econômicas e políticas.

Para tanto, são abordados teoricamente, os conflitos que ocorreram na consolidação do território e sua influência na produção e reprodução da natureza, mediante ações humanas que remontam a origem da cidade, as funções desempenhadas e as transformações sócioambientais decorrentes, os setores produtivos, a estrutura interna da cidade e o seu significado.

Para isso, foi formulada uma abordagem do processo de formação sócio espacial, e da estrutura regional que a cerca. Ocorre também, uma análise do espaço produtivo e suas implicações. Trata-se da estrutura produtiva do município com base na utilização de dados

que demonstram a capacidade produtiva industrial e na agropecuária, além, da análise do espaço de circulação dos fluxos comerciais e de serviços e suas implicações ambientais.

No início do século XX, a estrutura sócio-econômica urbana de Vitória da Conquista é comandada pelo processo produtivo de pequenos produtores, aliada a uma ocupação nas margens dos rios e ou nas planícies de inundação, pois, com o a abolição da escravatura em 1888, uma grande massa humana e negra, migra para o espaço urbano. Ocupando áreas próximas de alagados (mananciais e nascentes), ou para os povoados e distritos que compunham o município de Vitória da Conquista, o que requer uma mudança de comportamento tanto por parte da burguesia local, que começa a defender suas terras de possíveis invasões, quanto por parte das autoridades governamentais que ditam medidas para manter a “ordem” estabelecida.

Do ponto de vista econômico, Vitória da Conquista permanece com a predominância da agropecuária e do comércio local. Estende-se daí uma influência maior para a formação de uma rede de pequenas localidades que mais tarde consolida-se como um pólo regional. Essa influencia firmou-se, entre as décadas de 1930 e 1940, quando inicia-se a construção de várias rodovias como é o caso da BR 116 (Rio-Bahia), da BR 415(Rodovia Conquista Ilhéus), e da BR 407, que antes era apenas caminho de tropeiros, constituindo-se, numa malha rodoviária intensa, ligando o centro urbano ao Centro-sul e ao Nordeste do país e o litoral baiano ao Oeste da Bahia.

As transformações espaciais foram mais visíveis na medida em que se intensificava a urbanização. Com a expansão urbana, percebe-se a diminuição da cobertura vegetal. No caso de Vitória da Conquista, a malha urbana está montada numa estrutura de drenagem que compreende diversas nascentes e mananciais da bacia do Rio Verruga. Evidencia-se aí, uma redução drástica das matas ciliares e como consequência, a diminuição do fluxo d'água natural da bacia.

Entre 1840 e 1940, período de consolidação do espaço urbano de Vitória da Conquista-Ba, várias foram as alterações sofridas pelo Rio Verruga no trecho urbano da cidade, nele destacamos a diminuição das matas ciliares nos diversos cursos d'água do espaço urbano. A retilinização e terraceamento do canal principal do Rio, passando ser receptáculo de águas residuárias e de toda a poluição produzida pela população local. (ver mapas fig. 1 e 2).

A expansão do espaço urbano em Vitória da Conquista fez com que houvesse uma diminuição contínua do ambiente natural no entorno das principais nascentes do alto rio

Verruga, dando lugar a problemas urbanos como o da erosão, desmoronamentos de encostas, assoreamento dos cursos d'água, uso de áreas para deposição de lixo, entre outros. Essa expansão é marcada essencialmente pela inserção da cidade no processo produtivo do capitalismo. Como é o caso da implantação na década de 1970, do distrito industrial dos Imborés às margens da BR 116, consolidado nos anos oitenta e noventa do século XX. Assim, novas dimensões do território urbano são definidas a partir de 1980, incorporando grande parte das áreas de produção agrícola ao perímetro urbano da cidade.

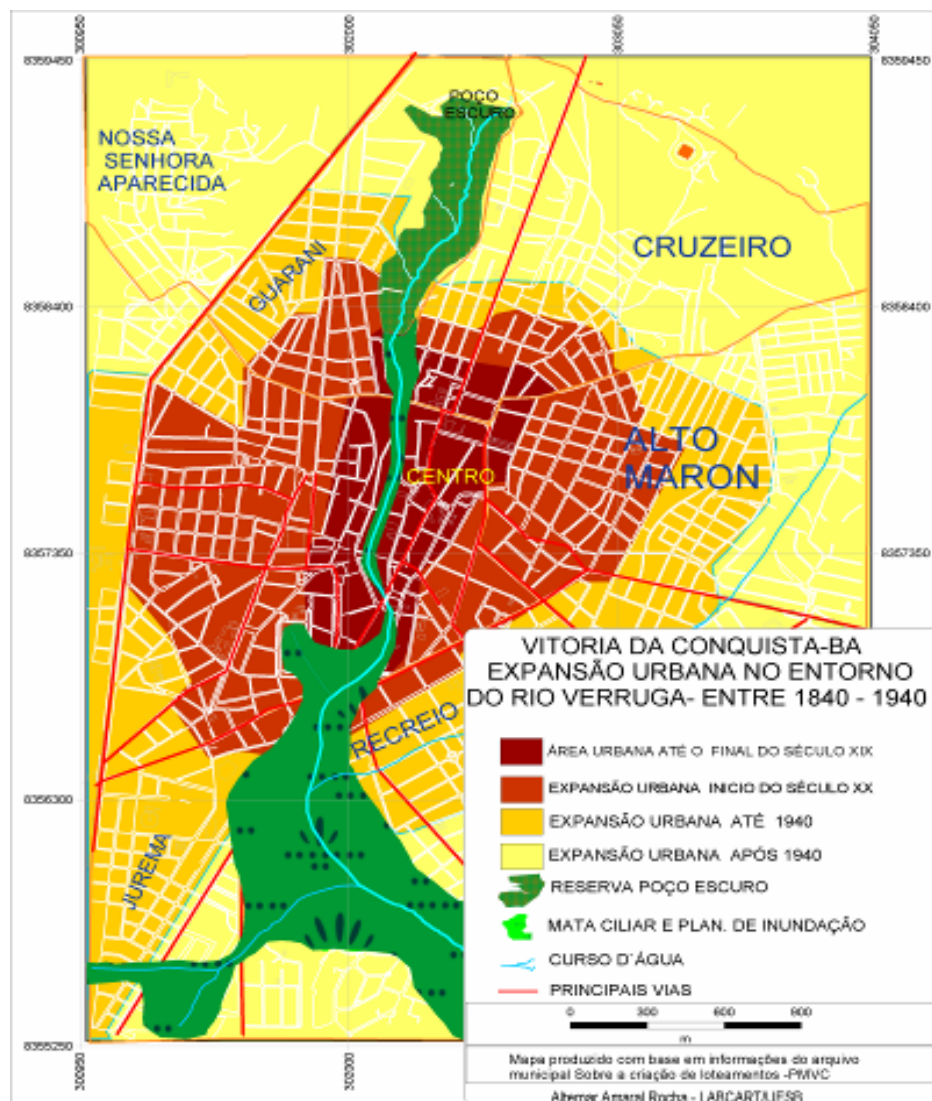


Fig.1: Mapa da Expansão urbana no entorno do Rio Verruga entre 1840 e 1940.



Fig.2: Mapa de retificação do Rio Verruga entre 1940 a 2000.

Essa expansão urbana proporcionou algumas mudanças significativas no curso principal no alto rio Verruga. Comparando os mapas das figuras 1 e 2, percebe-se que entre o início da urbanização, até meados do século XX, a calha do rio Verruga sofreu um processo de retilinização, alterando o curso e o leito natural do rio, com isso, outros processos foram sucedendo-se a este, destacando-se a canalização de grande trecho do canal do rio, e um conseqüente aterro de áreas inundáveis, proporcionando uma mudança completa no ambiente que antes possuía uma extensa faixa de vegetação arbórea e, algumas áreas de planície de inundação. No mapa da figura 4, destacam-se alguns pontos que sofreram essas mudanças, como é o caso da extensa faixa de terras onde fica o centro urbano da cidade, a central de abastecimento, a Avenida Bartolomeu de Gusmão e outros pontos como a Baixa da Égua, Lagoa do Jurema e a Baixa do Sapo nestas áreas foram grandes as alterações feitas com o aterro e ou corte de terreno, provocando um desnível terreno e uma alteração da carga exutória da bacia neste trecho.

Considerações finais

Neste contexto é que se define a contradição das relações de produção do espaço urbano e, sobretudo as contradições desenvolvidas no âmbito da configuração do território de Vitória da Conquista, tendo em vista a problemática ambiental e toda sua complexidade, sendo um espaço bem sucedido na produção agrícola e ao mesmo tempo, um grande aglomerado industrial de abrangência regional, comportando forças produtivas distintas, causando um descompasso entre o processo de desenvolvimento social e o produtivo, em detrimento das alterações do ritmo da natureza, ou seja, vivenciamos dois tempos em um mesmo espaço, o da natureza e o da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARLOS, A.F. A. O Lugar no/do mundo. São Paulo: Hucitec, 1998.
- _____. O espaço urbano. São Paulo: Contexto, 2004.
- LEFEBVRE, Henry. O Direito à Cidade. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2006.
- _____. A revolução Urbana. Trad. Sergio Martins, Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- _____. Lógica formal / lógica dialética. São Paulo: Civilização brasileira, 1995.

_____. O Direito à Cidade. Trad. Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Editora Moraes Ltda. 1981.

RAFFESTIN C. Por uma geografia do poder. São Paulo: Ática, 1993.

SANTOS, M. Metamorfoses do Espaço habitado. 6ª ed. São Paulo: Edusp, 2008.

_____. A natureza do espaço: técnica e tempo razão e emoção. São Paulo: EDUSP, 2004.

_____.Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1997.

_____. Espaço e método. São Paulo: Nobel, 1997.

SEABRA O. A dimensão sócioambiental no urbano. IN: Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.

SPÓSITO, M. E. B. O embate entre as questões ambientais e sociais no urbano. IN: Dilemas urbanos: novas abordagens sobre a cidade. São Paulo: Contexto, 2003.